Anais Eletrônicos da Semana de Teologia | ISSN 2238-894X
XXII Semana de Teologia | Simpósio Internacional de Mariologia | Maria no Mistério de Cristo e da Igreja
Recife, 10 a 12 de maio de 2017

O ENCONTRO DE JESUS COM MARIA EM JO 19, 25-27.

Marcos Antonio de Arruda Moura[1]

Introdução

Seguramente, uma das personagens mais emblemáticas e importantes no projeto salvífico de Deus é a Virgem Maria e sua íntima relação com seu filho. Deveras, "desde os paninhos de sua natividade até o vinagre de sua Paixão e o sudário de sua ressureição, tudo na vida de Jesus é sinal de seu mistério" (CIC, §515), inclusive e mistericamente, a figura corredentora de Maria como também nos apresenta a Constituição Dogmática do Concilio Vaticano II *Lumen Gentium* em seu oitavo capítulo. Esse mistério que envolve a pessoa de Maria e a redenção do gênero humano por Cristo, nos foi narrado por João em seu evangelho em dois momentos determinantes da vida do Messias, a saber, no casamento em Caná da Galiléia (Jo 2, 1-11), e em Jo 19, 25-27 .

Em nosso trabalho, nos debruçaremos sobre a segunda perícope do Evangelho Joanino que nos apresenta a figura de Maria, oferente, silenciosa, aos pés da cruz de seu Filho que, no alto de sua paixão, a entrega ao seu discípulo mais amado como sua mãe e nele, a todos os seus discípulos, a toda a sua Igreja nascente.

O encontro de Jesus com Maria em Jo 19, 25-27: *Mater Eclesiae.*

Segundo nos diz Afonso Murad, "Maria aparece duas vezes no evangelho de João. [...] na realização do primeiro sinal de Jesus, em Caná, quando ele inicia sua missão pública (Jo 2, 1-11), junto à cruz, no momento da morte do Senhor no final de sua missão nesse mundo Jo 19, 25-27" (MURAD, 2012, p. 90). Assim nos narra o evangelista João, o discípulo amado do Senhor, o doloroso encontro de mãe e Filho:

> Perto da Cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo a sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: "Mulher, eis aí o

[1] Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco e Bacharelando em Teologia pela referida Universidade (marcosfiningam@yahoo.com.br).

> teu filho!" Depois disse ao discípulo: "Eis a tua Mãe!" E a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa. (Jo 19, 25-27).

Em Caná, Jesus disse a mulher: "[...]. Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou." (Jo 2, 4), mais agora a sua hora chegara: "Pai, chegou a hora!" (Jo 17,1). Como nos apresenta o texto Joanino, é a hora da glorificação do Enviado do Pai. Passando pela cruz, e elevado na cruz até a sua elevação na glória, Cristo estabelece um "vinculo estreito e indissolúvel" (LG, 2013, nº53) entre nós e Deus através da sua carne e do seu sangue. Pela efusão do seu Espírito, ao morrer, Cristo faz nascer da cruz a nova e eterna maternidade daquela, que por desígnio divino, tornou-se mãe da nova e eterna aliança e de todos quantos nessa aliança viverem. Observemos que nesses breves versículos, a palavra mãe aparece quatro vezes, o que nos leva a perceber que para João a maternidade da Virgem está fortemente presente na hora da cruz. De fato, "unindo-se ao sofrimento de seu Filho, no silêncio de suas lágrimas, livre e voluntariamente ela se associou ao mistério da Redenção, com os mesmo sentimentos, com os mesmos fins e com o mesmo coração" (AQUINO, 2011, p.63). Vendo seu filho "agonizar crucificado, levantado por três longas horas entre o céu e a terra" (AQUINO, 2011, p.64), Maria contempla pela fé a nova árvore da vida por cujo fruto Bendito e pendente, liga-se céu e terra. Temos

Ao enxergar sua mãe ao lado do discípulo amado, o Senhor não a chama mais de Mãe, mas mulher. Aqui nos deparamos com uma cena que está para além dos laços de sangue, é um laço de amor eterno. Como sabemos, antes da sua partida, Jesus disse aos seus discípulos: "Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros." (Jo 13, 34). Vinculando essa passagem à narrativa de Maria aos pés da cruz de Jesus, Lina Boff nos diz que:

> Para assegurar a vida desse mandamento, Jesus deixou-nos a sua Mãe e o discípulo amado. Os dois se amam com o mesmo Espírito com que o Pai e o Filho se amam. Jesus deixa-nos uma preciosa herança, a Mãe que ama o filho a ponto de se tornar sua discípula. (BOFF, 2016, p. 92).

Também nessa cena retratada por João, nos deparamos com o Senhor, o novo Adão, cravado dolorosamente sobre a nova Árvore da Vida, como bendito fruto da vida próximo ao Jardim, que amorosamente, contempla a mulher e o discípulo, sementes da sua Igreja que nasceria do seu lado. Dessa forma, na perspectiva Joanina, "por vontade de Jesus, Maria e adotada como mãe pela comunidade cristã

de todos os tempos" (MURAD, 2012, p. 98). Em Maria se cumpre o mistério de Eva, a mãe dos viventes. Enquanto, a primeira Eva torna-se mãe dos que nascem marcados pela morte, a nova Eva, Maria, torna-se, por vontade de Cristo verdadeira Mãe dos viventes nascidos da água e do espírito. Como nos vai dizer o Papa Pio XII em sua Encíclica *Ad Diem illum.*

> No mesmo seio de sua castíssima Mãe, Cristo não só se tornou carne que uniu a si hipostaticamente, mas, além disso, assumiu um corpo espiritual, formado por todos aqueles que haviam de crer nele; de modo que se pode dizer que Maria, tendo em seu seio o Salvador, trazia também todos aqueles cuja vida estava encerrada na vida do Salvador (AQUINO, 2011, p. 82).

Verdadeiramente, essa maternidade que brota da cruz do senhor, da hora do senhor, da glorificação do Senhor pelo Pai, do espirito do Senhor. No momento mais alto de sua ação redentora, Jesus fez daquela que fora plenificada de todos os dons pelo Pai, um inestimável dom que ele mesmo nos oferece. Aqui vemos a mulher Mãe, a Mulher igreja, a mulher pascal a mulher gloriosa, a Virgem oferente que silenciosamente e martirialmente completa em sua carne e em sua alma, as dores da paixão de seu filho. Inquestionavelmente, "Maria bebeu até o fim o cálice da paixão [...] de Jesus" (CANTALAMESSA, 1992, p. 87). Porém, é de suma importância frisarmos que "a colaboração de Maria não está no mesmo plano da missão redentora de Jesus. Situa-se em função dessa missão e dela depende incondicionalmente (MURAD, 2012, p. 21).

Agora nos voltemos para o discípulo a quem Jesus amava: "Eis a tua mãe" (Jo 19, 27). No outro lado da missão assumida pela mãe, nos deparamos com a missão confiada ao discípulo, e nele, a todos os discípulos que vão com o seu Senhor até cruz. Podemos dizer, que a relação da Mulher com discípulo amado e com todos aqueles e aquelas que ele prefigura, é, portanto, constitutiva do ser cristão, torna-se algo pertencente á estrutura da obra salvífica. Como nos recorda o Papa João Paulo II em sua Encíclica *Redemptoris Mater* no nº23, "esta 'nova maternidade de Maria', portanto gerada pela fé, e fruto do 'novo amor', que nela amadureceu definitivamente aos pés da Cruz, mediante sua participação no amor redentor de seu Filho" (RM, apud AQUINO, 2012, p. 87-88). Verdadeiramente,

> Gerar a vida significa, sempre, e ao mesmo tempo, abrir-se a si mesmo ao morrer. Se, todavia, Maria é realmente geradora de Deus, se ela gera aquele que é a morte da morte, aquele que é a vida, pura e simplesmente, então esse "ser-Mãe-de-Deus" é realmente um novo nascimento (*nova nativitas*): um novo tipo de gerarem meio ao antigo, assim como Maria,

> enquanto membro da Antiga Aliança, é a Nova Aliança inserida na Antiga (RATZINGER, 2013, p. 62).

De fato, misteriosamente, aquela que dera a luz ao Cristo cabeça, de modo doloroso dá agora à luz ao corpo eclesial do senhor no calvário. Inclinando a cabeça sobre a mulher feita mãe e sobre o discípulo feito filho, Jesus os contempla e lhes dá seu espírito, e entregando-se ao Pai, por amor dos seus novos "filhos e filha", a sua Igreja ali mestéricamente presente na mãe e no filho. Inquestionavelmente, aquela que foi fecundada pelo Espírito para ser mãe do Cristo cabeça, agora é fecundada para ser mãe do corpo, e torna-se nossa medianeira. Como nos vem lembrar *Lumen Gentium:*

> A maternidade de Maria, na economia da salvação, perdura sem cessar, desde o consentimento que ela prestou fielmente na anunciação e manteve sem vacilar ao pé da cruz, até a consumação final de todos os eleitos. (LG, n. 62).

A luz desse mistério, podemos perceber a dimensão escatológica que perfaz a pessoa de Maria, pois por vontade de seu Filho, Maria é a Mãe dos viventes, e uma verdadeira mãe nunca deixa de gerar o seu filho. De fato, Maria, totalmente pobre, crê sem compreender tudo, acolhe o mistério numa disponibilidade maior que a de Abraão, pois o Deus que poupou Isaac, não poupou o seu próprio Filho.

Maria: a onipotência suplicante.

Na história da Igreja, grandes homens se dedicaram à reflexão teológica sobre a pessoa de Maria, e dentre esses Santos Padres, figura São Bernardo. Em um dos seus sermões, Bernardo se refere a Maria como a 'onipotência suplicante', como aquela sendo " Mãe de Deus para obter tudo, é Mãe dos homens para tudo nos conceder" (AQUINO, 2012, p. 70). Verdadeiramente, "Maria está sentada ao lado do Trono do Onipotente e coroada Rainha do Céu e da Terra. É mediadora ao lado do único e indispensável Mediador, é a plena de graça ao lado do autor da graça" (AQUINO, 2012, p. 70).

Sobre a figura mediadora de Maria, dos Santos e porque não dizer da Igreja, nos recorda o Afonso Murad comentando *Lumen Gentium:*

> Nenhuma criatura jamais pode ser colocada no mesmo plano do Verbo encarnado e redentor. Mas o sacerdócio de Cristo é participado de vários modos pelo povo de Deus, e a bondade de deus e difundida nas criaturas. A única mediação do redentor suscita nas criaturas uma variada *cooperação,*

> que participa de uma única fonte (...). O concílio reconhece a legitimidade de recorrer à intercessão de Maria, pois trata-se de cooperação na única mediação de Cristo. Não se utiliza a expressão “medianeira”, ambígua e com acentos maximalistas. (LG, n. 62 apud MURAD, 2012, p. 21).

Com razão, nos lembra o sagrado concílio, que ninguém é melhor que Maria para interceder por nós. Sendo criatura e mãe do Redentor simultaneamente, ele ocupa os dois polos da ontologia humana, o humano e o divino. Não por acaso,

> Maria é chamada por Santo Agostinho, e é-o efetivamente, *Forma Dei*, imagem viva de Deus; isto quer significar que somente n’Ela foi formado Deus como homem perfeito sem faltar-Lhe qualquer traço da divindade; e também que só n’Ela pode o homem ser transformado em Deus – tanto quanto a natureza humana o permita -, pela graça de Cristo. (MONTFORT, 2010, p. 31).

Ao entregar Maria como mãe do seu discípulo amado, Cristo a faz passar de uma maternidade natural à maternidade espiritual, uma maternidade livre e oferente, uma ‘maternidade quenótica’, pois durante toda a sua vida como mãe do Filho de Deus encarnado, a virgem o foi perdendo segundo a carne para que se cumprisse a contento e de forma plena os planos de Deus. Aos pés da cruz contemplamos a coroação do amor quenótico da Mãe que não é mais mãe do Filho, mas Mãe dos filhos no Filho, por cujos méritos fora plenificada de graça e escolhida desde toda a eternidade.

Considerações Finais

Como podemos observar ao longo desse breve estudo, Maria não fora predestinada para ser mãe somente do Verbo encarnado, mas para ser Mãe do corpo eclesial do senhor, mãe do reino de Cristo. Comparadamente, da mesma forma que da fé de Abraão e da sua fidelidade a voz de Deus nasceu o povo escolhido do antigo Israel, no discipulado maternal de Maria nasce o novo Israel, fruto do amor doação do Filho e da escuta da Mãe.

Nesse breve trecho do seu evangelho, João nos recorda de que a fidelidade e a perseverança na fé, mesmo diante dos tormentos e da morte, são características de todo o discípulo e discípula de Jesus que com Ele e por Ele puseram a mão no arado da vinha do senhor. Além de tudo isso, João também nos aponta para a dimensão escatológica e salvífica da maternidade de Maria e do discipulado do filho e da mãe como partes vivas e atuantes da Igreja nascida do lado

aberto de Cristo na cruz, e que uma vez cheia do espírito do ressuscitado será enviada à missão de testemunhar Cristo a todos os povos.

Referências

AQUINO, Felipe Reinaldo Queiroz de. **O Socorro da Virgem Maria** a as suas sete dores. 3ª ed. Lorena, Cléofas, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, Novo Testamento e Salmos. Sociedade Católica Bíblica Internacional e Paulus, 1983.

BOFF, Lina. **Como tudo começou com Maria de Nazaré**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

CANTALAMESSA, Raniero. **Maria um espelho para a Igreja.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 1992.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Edição Típica Vaticana. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2000.

LUMEN GENTIUM, DE ECCLESIA. Constituição Dogmática do Concílio Ecumênico Vaticano Segundo sobre a Igreja. Pia Sociedade Filhas de São Paulo 1965.

MONTFORT, Luís Maria Grignion de. **O segredo de Maria.** 1ª ed. Lorena: Cléofas, 2010.

MURAD, Afonso. **Maria Toda de Deus e tão humana**. Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas; Santuário, 2012.

RATZINGER, Joseph. Trad. Ney Vasconcelos. **A Filha de Sião**: a devoção Mariana na Igreja. São Paulo: Paulus, 2013.